



**UMA AMERICANA
EM ROMA**

Claudio Ruggeri

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Uma Americana
em
Roma

Claudio Ruggeri

tradução de

Marily Santos de Souza

Copyright©2014 Claudio Ruggeri

edição Digital: 2014

Publicado na edição impressa com ISBN:

978-1495487590

Título original:

Un'Americana a Roma

Copyright©2010 Claudio Ruggeri &

Cavinato Editore International

Publicado com Isbn 978-8889986097

tradução do Italiano de Marily Santos de Souza Copyright©2014 Marily Santos de Souza

Image de capa:

Copyright©Daniel Yara

www.danielyara.wordpress.com

Nota do autor

Este livro é fruto da fantasia.

Qualquer semelhança a fatos realmente acontecidos e/ou pessoas realmente existentes, que apareça no interior do mesmo, deve ser considerada puramente casual.

Índice

Terça-feira 27 de Julho de 2010

Domingo, 16 de Agosto de 1992

Segunda-feira 17 de Agosto

Terça-feira 18 de Agosto

Quarta-feira 19 de Agosto

Quinta-feira 20 de Agosto

27 de Julho de 2010 (noite)

Terça-feira 27 de Julho de 2010

Iniciarei a contar a vocês esta estória não a partir do momento em que iniciou e terminou, mas a partir do momento em que me foi contada.

Era uma tarde de verão, fazia 35 graus à sombra e já a metade da cidade estava de férias; eu moro em Grottaferrata, uma daquelas localidades que é descrita nos panfletos turísticos como "agradável cidade próxima aos Castelos Romanos".

A vida escorre lentamente em cidades como a minha, onde encontram-se ainda tantas pessoas que trabalham em lojas e onde se veem famílias inteiras saírem de casa no Domingo para fazer um passeio.

Não me lembro exatamente porque, mas naquele dia eu era vítima de um cansaço crônico e de uma dor de cabeça infernal, coisa que eu raramente sinto, visto que naquele período eu não estava trabalhando, não conseguia entender o motivo pelo qual me sentia tão mal.

Na metade da tarde eu notei que os meus cigarros estavam acabando, e considerando que perto de casa os bares fecham às oito da noite, não era o caso de perder tanto tempo, sendo assim, troquei a camisa e pouco depois, saí de casa.

Normalmente quando quero ser rápido evito ir ao Bar Sport que é atrás de casa, não tenho nada contra aquele tipo de bar, é que com as pessoas normalmente sentadas horas e horas nas cadeiras apoiadas na frente do bar, formando uma espécie de grande tribuna, é muito fácil encontrar alguém conhecido, que depois te oferece um café, te faz algumas perguntas e depois te envolve em debates... e que te fazem esquecer que além de passar no bar você deve também comprar o pão para o jantar ou pagar algumas contas nos correios ...

Até a minha mãe sabe que, quando eu digo que vou ao bar beber um café não pode esperar que eu volte em menos de quinze minutos, o tempo é indefinido.

Assim que eu peguei os cigarros e pedi um café, notei que em um banco externo estava apoiado uma cópia do jornal “Corriere della Sera”, jornal difícil de encontrar em um bar como aquele, curioso, me sentei em uma daquelas cadeiras e, a espera do café, iniciei a esfolhar o jornal.

Não havia nem menos chegado à terceira página e descobro de quem é o jornal, era de um velho amigo do meu pai, se chamava Massimo e era um piloto da Alitalia que estava aproveitando alguns dias de férias finalmente na sua casa.

"Com licença, posso..." disse indicando a cadeira, havia um jeito de ser muito extravagante, como Raimondo Vianello e Luca di Montezemolo, conseguia sempre roubar um sorriso a todos.

"Oi Massimo, que bons ventos te trouxeram aqui..." eu respondi.

"Estou de férias há alguns dias e..."

"Bem você não vai à praia com esse calor..."

"Não, não ..." disse ele, "Quando uma pessoa como eu consegue ficar alguns dias em paz no sofá ou em algum bar, é já um homem sortudo..."

"O seu último voo..." prossegui, "Foi massacrante, eu tenho quase 46 anos e não tenho físico para atravessar o oceano durante 15 horas e depois voltar para casa como se nada fosse..."

"Entendo..." eu disse, mesmo não sendo verdade.

Depois começamos a falar de coisas mais importantes: o divórcio fresco fresco, os filhos que já o consideravam um estranho e etc, ou seja, falamos de todos aqueles "efeitos colaterais" de quando duas pessoas decidem que já não se suportam e vai cada um para o seu lado.

Ele me perguntou sobre a minha vida, como eu estava e se tinha algo em mãos, e para ser sincero eu não tinha grande coisa e lhe disse, falamos de como no final das contas a coisa realmente mais importante, o que realmente faz com que você se apaixone por uma mulher não é a capacidade que ela tem de te impressionar com a sua brilhante carreira ou graças a um

ótimo aspecto físico ou algo assim.

O que realmente faz com que você não esqueça uma mulher é: a capacidade que ela tem ou não de te emocionar.

O meu amigo Massimo deu uma risada após analisar essas frases ditas com tanta seriedade, e que a um certo momento pareciam ter saído das nossas bocas em um modo tão natural que poderíamos parecer poetas ou pacientes que se encontram na clássica posição de um sofá de um analista.

"Você sabe quando foi a última vez que uma mulher me fez esse efeito?" me perguntou.

"Não, não sei, me diz..."

"Quer saber mesmo?"

"Claro, agora eu estou curioso..."

"Eu tinha mais ou menos a tua idade ..." este foi o início de uma história de vinte anos atrás, iniciada e concluída no arco de uma semana; foi incrível, o que me fascinou e o que me deixou colado àquela cadeira até a hora do jantar foi o modo em que ele contou essa história

Foi difícil acreditar que se passaram todos aqueles anos, as lembranças eram tão vivas... parecia que ele estava falando de algo que aconteceu antes de ontem.

Aquela que ele me contou é uma linda história, mesmo o final não tendo sido um clássico "happy end" de um filme americano, é uma linda história porque no fundo é o que cada um de nós gostaria de viver, um modo de descobrir quem somos realmente, o que procuramos quando estamos longe da confusão cotidiana e das mil "standardizações" às quais somos submetidos.

Eu vou relatar no mesmo modo em que me foi relatado, vou falar na primeira pessoa e vou tentar lembrar de tudo, esperando que esta história os emocione como me emocionou naquela tarde de verão no bar Sport perto de casa.

Domingo, 16 de Agosto de 1992

"Triiiimmm...Triiiimmm", foi assim que eu acordei naquele domingo de metade Agosto de 1992, eram cinco e meia da manhã e eu tinha que acompanhar a minha irmã ao aeroporto de Fiumicino para pegar o primeiro avião para Palermo daquele dia.

Ela ia ficar uma semana de férias na Sicília, sorte dela, e eu, ao contrário, naquele verão teria ficado em casa , ou no máximo teria feito uma visita ao meu tio na Umbria para fazer a clássica colheita de tomates que se faz nos campos naquele período

Eu ainda não era um piloto , em Janeiro daquele mesmo ano eu fui demitido da empresa pela qual trabalhei durante dois anos e na qual já tinha começado a fazer carreira, todos me respeitavam e me tratavam como se eu fosse um veterano e não um recruta.

Logo depois passamos por uma crise, algumas empresas fecharam e outras reduziram o número de funcionários, um dia me disseram que, já que eu era jovem e que não tinha nem mulher nem filhos para manter, eu era o funcionário ideal para se demitido.

"Só um número", foi o que me disseram; no fundo nós somos somente um número de matrícula, nas empresas e na vida.

Eu tentei aceitar e seguir em frente.

Após alguns meses, tendo terminado as minhas economias, fui obrigado a procurar um outro trabalho e por sorte, encontrei quase imediatamente.

Eu trabalhava como boy para uma pequena empresa com sede na Rua Casilina, o salário não era grande coisa, assim como o trabalho.

Naquela manhã de Agosto quando passei em frente ao terminal de Fiumicino e deixei lá a minha irmã, não pude deixar de parar por alguns instantes e olhar aquelas enormes janelas de vidro, quantas vezes eu havia passado por ali para ir a algum lugar, quantos aviões eu peguei, quantas aventuras eu sabia que me esperavam pouco antes de embarcar.

Quando a vida torna-se difícil, temos a tendência a fazer comparações com os momentos estupendos e emocionantes que passamos, assim sendo o resultado é sempre a desmoralização e um pouco de melancolia também.

Decidi estar tranquilo por alguns dias , e pela primeira vez na minha vida me convenci a pegar férias em Agosto, exatamente como fazem todos, como uma pessoa normal.

E saibam que não é um bom sinal porque quando se inicia a fazer as coisas desse jeito é porque você quer preparar-se a uma vida um pouco mais tranquila, mais triste; a mesma vida sem graça que muita gente faz, e você não faz nada além de começar a comportar-se como eles.

Eu não tinha nenhuma vontade de voltar logo para casa, e foi assim que, pegando a via expressa eu me dirigi em direção ao mar, eu teria passado uma manhã em santa paz pegando sol, teria feito um banho no mar e depois, com muita calma, teria voltado para casa.

E foi isso que eu fiz, e por volta da hora do almoço eu já estava na garagem tentando estacionar o Fiat Uno do meu avô naquele espaço estreito adequado somente a um Fiat 126, mas deixá-lo embaixo do sol naquele dia seria o mesmo que transformá-lo em um forno crematório.

Porque os carros da Fiat antigamente , saibam, eram feitos de metal verdadeiro, e quando esquentavam eram capazes de absorver o calor durante horas e horas ...

A tarde eu passei no sofá vendo um pouco a televisão até que o telefone de casa tocou, era o

Emiliano, um amigo que eu conheci há um ano quando eu decidi abrir um bar aqui nessa zona, com um cara que na época era namorado da minha irmã.

"O que você vai fazer essa noite?" me perguntou.

"Nada Emilia'...não tenho nenhum programa para essa noite"

"O que você acha de procurar aquela famosa picanha que há uma semana queremos comer?"

Observação: fomos jantar fora 3 vezes naquela semana e cada vez que pedíamos uma picanha ou qualquer pedaço de carne, o garçom respondia gentilmente que: ou tinha acabado ou que era já reservado para outros clientes, ou que não serviam carne naquele período do ano.

"ótima idéia" Só em pensar na carne , eu acordei daquele torpor e me esqueci do horário no qual me levantei aquela manhã .

"Ok, mas dessa vez vamos em direção a Roma..." sugeriu o meu amigo.

"Ótima idéia" concordei, não sei porque, mas o meu amigo tinha sempre ótimas idéias.

"Passo para te pegar às sete ?"

"Sim, combinado..."

"Então, até mais"

"Até mais"

Pontualmente às dezenove horas e dois minutos o interfone tocou, me debrucei na minha janela e reconheci o carro do Emiliano, um Y10 parado no estacionamento em frente ao prédio, peguei os cigarros, algum dinheiro e saí.

As saídas de carro com o meu amigo nunca foram tediosas, não porque nos distraíamos discutindo sobre algo, mas pela razão oposta, não se dizia uma palavra! Geralmente ficávamos mudos escutando música no rádio e raramente fazíamos algum comentário a respeito de alguma canção.

Naquela noite transmitiam um programa revival de músicas dos últimos dez anos, e aquelas melodias, aqueles sons e aqueles autores protagonistas dos anos 80 certamente não poderiam

ser contestados.

Que música!

Pouco depois estávamos já na Rua “del Corso”.

Olhávamos dentro daqueles becos ao lado daquela rua procurando um lugarzinho que nos inspirasse, que podia dar a impressão que cozinhasse uma carne comestível e que não custasse o olho da cara.

E durante aquela busca em vão, escutei uma voz, que parecia ser mais alta que as outras, que chamou a minha atenção.

Era comigo que estava tentando falar, e estava fazendo-me uma pergunta, e era por isso que aquele tom era assim diferente daquele que se espera escutar enquanto se caminha pelas ruas.

Era uma garota loira, aproximadamente de 35 anos, que estava tentando desesperadamente me pedir algumas informações, penso estradais, em um espanhol incompreensível misturado à algumas palavras italianas e como se não bastasse, com uma pronúncia francesa.

No meio daquela confusão de línguas reconheci alguma coisa de familiar, a garota era americana, e eu sabia porque tinha vivido nos Estados Unidos por um período e sabia reconhecer quando um americano tenta se comunicar em uma língua que não é a sua ...

"I can speak english..." eu disse, com um ar ambíguo para deixá-la tranquila e à vontade.

Naquele momento, ela me explicou que estava tentando chegar à “Fontana di Trevi” há meia hora, só que cada vez que tentava, ia parar do outro lado, mesmo quando as placas indicavam que se deveria virar à direita da Rua “del Corso”.

Nos Estados Unidos as estradas são todas um encontro perfeito de redes horizontais e verticais, não podem certamente entender a sinalização da nossa “Cidade da Arte”, que não tem um comprimento predefinido, que curvam sem um motivo aparente, mas nas quais a sequência dos números continua, o que parece ser feito de propósito para nos desorientar.

Nós não tínhamos uma meta predefinida, por isso parei para pensar alguns segundos antes de

responder, fingindo ter dificuldade em responder em inglês depois de alguns anos.

Na verdade, eu estava pensando na possibilidade de acompanhá-las até a “Fontana di Trevi”, mesmo porque eram em duas como nós, e pareciam sozinhas exatamente como nós.

A garota com a qual eu falava se chamava Corinna, era californiana e parecia muito simpática, a outra parecia ser muito tímida, um tipo “na sua”, se chamava Gail e vinha de Seattle.

No final das contas o que me convenceu foram aqueles belos pensamentos a respeito do que poderia ser aquele encontro, a prospectiva de alguma coisa boa é sempre a melhor leva que te impulsiona a ser curioso na vida.

Comecei a falar com a Corinna durante todo o trajeto enquanto o meu amigo, que não falava nem mesmo uma palavra de inglês, se limitava a comunicar-se com a Gail através de gestos.

Chegamos à “Fontana di Trevi” e fizemos as clássicas fotos jogando moedas, e aos poucos, alternadamente, nos tornamos fotógrafos registrando muitos sorrisos.

Enquanto conversávamos, a Corinna me disse que elas estavam procurando um lugar onde poderiam beber uma cerveja sem gastar uma fortuna, e visto que nós também estávamos a procura de algo para comer, veio espontâneo a todos os quatro a idéia de nos unirmos para encontrar o lugar ideal.

Encontramos depois de percorrer algumas estradinhas que levam à Rua “del Corso” e lá nos acomodamos.

Na maior parte do tempo, nos falamos eu e a Corinna, mesmo porque o Emiliano não tinha muito a dizer à Gail, e devo dizer que parecia existir uma certa química entre nós, eu que àquela altura, com a clássica loira americana ao lado, não poderia deixar de comparar-me ao Marcello Mastroianni em um filme de tantos anos atrás

"Oh, não, não será dessa vez que comeremos a nossa picanha..." concluiu o Emiliano enquanto encontrava somente hambúrguer e hot-dog esfolheando o menu

"Fazer o que?, amém, tentaremos amanhã novamente, ok?" respondi, eu não tinha intenção de perder tempo com discussões culinárias naquele momento, mesmo porque eu tinha me tornado uma espécie de tradutor simultâneo para que todos conseguissem se comunicar, e além disso

eu conhecia as americanas, e sabia que precisava prestar uma certa atenção àquilo que se dizia.

Sabia, na verdade, que sendo tratadas no modo justo, se derretem, pois não são habituadas aos modos, às alusões e à malícia que temos nós desse lado do oceano; os americanos não são como nós, não perdem tempo usando modos gentis ou com gestos de atenção, “nisso, nós italianos somos maestros”.

Digamos que, na verdade, para o homem americano a busca de sexo equivale a procurar um bom carro, ao invés de um bom seguro, como nos negócios, frio e rígido.

No momento em que as duas garotas se levantaram comunicando que iriam ao banheiro, iniciei com o Emiliano o mesmo tipo de conversa que elas também teriam iniciado da li a pouco.

"O que você acha Massimo?"

"Ah, não sei não, parece que tudo está correndo bem demais, quero só ver onde está a ..."

"E por que tem que ter?"

"Lembre-se que duas horas atrás nós estávamos naquela estrada..." e eu indiquei a Rua “ del Corso” que se via logo atrás de nós, "...procurando algum lugar para jantar, e logo depois, com a maior facilidade estamos aqui com duas lindas loiras e americanas...vamos esperar antes de começar a rir, meu amigo! "

"Quem acreditaria?.." repetiu o Emiliano "O que você acha que elas estão dizendo lá no banheiro...?".

Levantei as sobrancelhas com ar duvidoso e um pouco surpreso .

"Vamos dar essa noite ou não àqueles dois?" "É isso que elas estão dizendo Massimo? Espero que você não acredite nisso..."

"Espera, espera Emilià...".

Custei a crer mas fingi acreditar naqueles seus pensamentos, que o meu amigo amadurecia com grande tranquilidade, enquanto terminava de comer aquela sopa de maionese e ketchup na qual ele afogou as batatas fritas.

Naquele momento elas retornaram, e assim que elas se sentaram eu comecei a pensar no que o meu amigo tinha dito, mesmo porque uma noitada com uma delas não seria nada mal, me dei conta que algumas horas de diversão sem nenhuma consequência, poderia só me fazer bem.

"Nós estamos em um lugar aqui perto, no “Campo de' Fiori,” é lá que estaremos até terça-feira, se vocês quiserem podemos comprar algumas cervejas e beber diretamente lá."

Quando eu traduzi essa frase ao Emiliano vocês podem imaginar a expressão no seu rosto, eu tentei traduzir a resposta às garotas em uma maneira muito suave e depois nos dirigimos até lá

A nossa Y10 estava estacionada na “Piazza Venezia”, e foi ali que encontramos um vendedor ambulante com o qual conseguimos fazer um bom negócio, compramos uma caixa com 24 latas de cerveja a um ótimo preço, e mesmo se ele tivesse pedido mais, nós teríamos dado...

E aqui estamos nós, apertados no carro e rindo como loucos, em uma Y10 carregada ao máximo e com uma caixa de cerveja que pula de um lado para o outro no carro, com as rodas sobre a pavimentação do centro de Roma....vocês podem imaginar,não?

Conseguimos estacionar facilmente em uma daquelas estradinhas que levam ao “Campo de' Fiori”, Roma é deserta naquele período do ano, pegamos aquilo que nos serviam e subimos para o terceiro andar daquele prédio que parecia desmoronar, onde parecia que nos esperasse algo realmente emocionante, éramos todos excitados.

Um sótão, era como se apresentava o que elas chamavam de quarto, com um teto tão baixo que não permitia que pisássemos nem menos na metade do espaço que víamos, mas em compensação se sentia um bom perfume ao entrar e além disso a janela oferecia uma vista espetacular.

As primeiras sete oito cervejas acabaram na primeira meia hora enquanto tentávamos nos conhecer, mesmo porque nós tínhamos nos encontrado somente há duas horas e agora estávamos ali todos no mesmo quarto.

Como aconteceu no bar, as simpáticas americanas pediram desculpas e foram ao banheiro juntas, e creio que dessa vez tenham tido realmente a conversa que suspeitava o Emiliano uma hora atrás, porque quando saíram haviam uma expressão completamente diferente.

Eu estava sentado em um banquinho colocado ali por acaso, enquanto o meu amigo estava na

janela admirando o panorama.

A Corinna se aproximou dele enquanto a Gail permaneceu um pouco “na sua”, se sentou na cama para pegar um cigarro na mesinha e bebeu um pouco de água diretamente da torneira da pia perto da cama.

Eu não tinha idéia de como me comportar naquela situação, tão delicada, onde não existe mais nada para descobrir.

Disse a ela que talvez fosse o caso de deixar os nossos amigos a sós, visto a crescente química que nascia entre os dois, e que poderíamos esperá-los no vão das escadas do edifício, ela fez um sorriso e concordou.

Enquanto conversávamos, aos poucos, comecei a me surpreender com o que dizia a Gail e no modo em que dizia, talvez porque não tendo que fazer tradução simultânea tinha a oportunidade observá-la melhor e com mais atenção; cara ela era realmente linda, com aqueles cabelos loiros que desciam até a cintura e os seus olhos azuis.

Usava um vestidinho simples que descia até os joelhos, leve, leve, quase como aqueles usados antigamente que usava também a minha avó; era simples, pouca forma e tanta substância, a fórmula que sempre me fez enlouquecer em qualquer coisa na qual eu tenha feito na minha vida.

E repentinamente ela pareceu tão atraente, enquanto se tocava os cabelos, com a franja que caía insistentemente na sua frente, timidamente me aproximei dos seus lábios.

Titubeou por um momento, tentando esconder um sorriso.

Os movimentos ondulatórios das nossas línguas que se cruzavam continuamente iniciaram a dar uma sensação de bem estar em todo o meu corpo, as nossas mãos se procuravam, depois se perdiam e ainda se reencontravam, com uma certa intimidade, aquela que se há quando duas pessoas se conhecem já há algum tempo, certamente não depois de duas horas.

Quando, depois pararam de procurar-se, a minha desapareceu embaixo da saia leve que escondia as suas coxas atléticas, completamente depiladas e com aquela cor angelical, como se fossem imersas no leite.

Muito singular era o perfume da sua pele, que me invadia cada vez que a eu beijava no pescoço, próximo à orelha; passamos assim as duas horas sucessivas, àquela altura havíamos nos esquecidos de onde estávamos, dos nossos amigos e de que hora fosse.

Era passado pouco mais de meia-noite, quando as risadas espontâneas da Corinna e do Emiliano vindas do quarto nos fez sorrir e decidimos voltar ao quarto, batemos à porta por educação e voltamos a estar todos juntos.

Que estranha sensação, tentávamos fugir cada um dos olhares do outro, nos fazia rir aquela situação onde se sai para beber uma cerveja, comer uma picanha e depois ...

Bebemos mais um gole e trocamos os nossos números de telefone, em 1992 não se usavam celulares, sendo assim, eu dei o número da minha casa e elas nos deram o número do bar em frente ao prédio onde estavam alojadas.

Nos deixamos aquela noite marcando um encontro para o dia seguinte, eu estava de férias e assim poderíamos nos encontrar na “Piazza Venezia” por volta das 16:00, enquanto o Emiliano, que tinha que manter o bar aberto, se uniria a nós na hora do jantar.

Para ser sincero, eu não acreditava que as encontraria no dia seguinte no lugar onde havíamos combinado, mas mesmo assim eu não teria perdido a ocasião de ir.

A viagem de volta parecia uma viagem que fazem aquelas pessoas que voltam vitoriosas após serem emersas numa grande cidade cheia de luzes e ciladas, da qual souberam tirar algum proveito, alguma coisa boa.

"A melhor parte será amanhã Massi..." me disse o Emiliano em voz alta quando me deixou em frente à casa.

"Na minha opinião.." disse "a coisa melhor já aconteceu..."

Com um sorriso nos cumprimentamos marcando para às 21:00 do dia seguinte em frente a “Fontana di Trevi”, confirmando que se não as encontrasse à tarde eu o avisaria ligando para o bar e anulando tudo.

Segunda-feira 17 de Agosto

Não devo dizer como me levantei naquela manhã, a espera do que poderia acontecer naquela tarde me fez sentir coberto por uma aura de felicidade.

Mas eu tinha um problema. O Emiliano não podendo vir comigo eu não tinha meios de chegar ao centro de Roma, tentei pedir ao meu avô o seu carro mas, como sempre, naquela tarde servia a ele que trabalhava como agricultor e tinha que ir de carro até as terras que tínhamos na zona de “Frascati”.

Meu pai trabalhava o dia inteiro, sendo assim, a última chance que eu tinha era pedir ao meu tio que morava pouco distante da nossa casa.

Eu sabia que naquele período ele estava de férias e pensei: “Não custa tentar”.

Eu não era tão otimista em relação a essa questão pois o carro ele havia comprado novo há pouco tempo e pagou mais de cinquenta milhões de Liras, era um modelo Lancia Thema Turbo, preto, muito bonito.

Resolvi o problema do carro em meia hora, o meu tio estranhamente se mostrou entusiasmado com o meu pedido e assim voltei a casa do meu avô para pedir emprestado cinquenta mil Liras para colocar gasolina e para pagar pelo menos a minha parte do jantar.

Em torno das três da tarde iniciei a aproximar-me daquele Lancia, era enorme, a traseira não se via através dos retrovisores, me faltava somente que eu destruísse o carro do meu tio para

que eu fosse degolado em praça pública, com direito a público .

Tentei não pensar no pior, liguei o carro e parti.

A viagem se revelou mais tranqüila que o previsto, àquela hora naquele período do ano as estradas de Roma são pouco mais que desertas, eu estava estranhamente sereno e relaxado, assim tive tempo até para brincar com o ar condicionado.

As garotas chegaram com vinte minutos de atraso, durante os quais pensei muitas vezes em pegar o carro e voltar para a casa, mesmo porque o que se pode esperar de duas pessoas encontradas por acaso na noite anterior?

A Gail logo se aproximou, apertou a minha mão me cumprimentando e tentou pronunciar o meu nome, com péssimos resultados, conseqüentemente eu fiz de tudo para que ela se sentisse à vontade.

"You can call me Marcello, if it is easier...", disse assim, mesmo porque eu já me sentia Mastroianni, eu já tinha feito a parte dele na noite anterior, que problema poderia ter se eu me fizesse chamar com o seu nome? e além disso para as americanas era um nome fácil de ser pronunciado.....

Me surpreendeu a simplicidade dos gestos da Gail, que me tratava como se me conhecesse há anos, confiava em mim e eu finalmente me sentia livre de ser quem eu era realmente, de fazer tudo com mais naturalidade sem ter que respeitar sempre certos esquemas e sem ter a sensação de ter que demonstrar alguma coisa.

Fui o guia turístico aquela tarde, desde o "Colosseo" até o "Pantheon" para terminar na "Piazza Navona", sempre debaixo do sol, e sempre com 35 graus à sombra, depois de duas horas eu estava morrendo, mas muito feliz.

Aquela situação me dava a sensação de que eu era um ponto de referência, útil a alguém , mesmo tratando-se de uma coisa simples como mostrar algumas maravilhas de uma cidade a duas turistas.

Ao voltar para o quarto delas depois da noite apenas terminada, senti outra vez aquele bom perfume, que era uma mistura de roupas limpas com qualquer outra essência que eu não conhecia, mas com um perfume muito agradável.

Enquanto a Gail tomava um banho, a sua amiga me disse que estava descendo para fazer compras, as clássicas coisas que um turista precisa comprar: sabonete, shampoo, água e etc..

Sendo assim, eu deitei na cama e esperei que a Gail saísse do banheiro, eu permaneci olhando o teto, ainda todo vestido, naquele dia eu estava usando uma polo preta e uma calça comprida branca de linho, que pareciam fazer com que eu assumisse o aspecto de Gheddafi, pelo menos foi isso que disseram os meus amigos do bar.

Ela saiu enrolada em uma toalha com um lindo sorriso, não um sorriso cheio de malícia e cativante, mas sim um daqueles sorrisos que a faziam parecer um pouco indefesa, coisa que ela não era.

Aproximou-se e deitou-se onde eu estava, quando nos olhamos começamos a rir e notei que a toalha se desenrolava deixando ver os seus seios.

Começamos a conversar sempre olhando para o teto, exatamente como dois velhos amigos, depois ela me deu um beijo nos lábios e se levantou para pegar um cigarro.

Me perguntou se eu também queria um e eu aceitei sem pensar, visto que eram um daqueles famosíssimos cigarros brancos que se vê nos filmes americanos quando alguém fuma; sendo assim, acendi um, e enquanto eu aspirava me sentia um pouco como James Dean ou Don Johnson, acreditem; parecia realmente a cena de um filme, faltavam somente as legendas.

Começamos a nos beijar, tentávamos reiniciar aquilo que foi interrompido na noite passada; começando sempre timidamente para depois assistir ao nascer da paixão que acelera a respiração, se passa então a saborear beijo após beijo, a sentir cada odor em maneira mais nítida, a deixar-se levar.

Fizemos amor, não sei quanto tempo se passou e evidentemente a Corinna voltaria dentro de alguns minutos.

Que estranha sensação eu tinha, não era certamente o que se sente depois de ter passado alguns momentos de diversão com uma garota, era uma sensação que tive somente uma vez antes dessa, quando eu fazia amor com uma garota quase todas as noites dois anos atrás, uma garota pela qual eu era apaixonado.

A porta que se abriu e a Corinna que entrava me tirou das minhas lembranças, passamos uma

hora conversando no quarto todos os três juntos e depois decidimos sair, era quase hora de encontrar o Emiliano na “Fontana di Trevi”.

O encontramos lá, no mesmo lugar onde paramos na noite anterior para tirar fotos, ele me olhava e sorria.

"Tudo bem amigo?..." intuindo o que aconteceu pouco antes.

"Sim, sim chefe..." respondi sorrindo chamando-o "chefe" como fazia frequentemente visto que ele era o mais velho entre nós, tinha 34 anos.

Tentei não demonstrar a ele a estranha sensação que me invadia, tentei esconder de mim mesmo e para ser sincero, tentava me justificar dizendo que estava tudo bem e que não tinha nada de mais, nada de anormal.

Encontramos um pequeno restaurante atrás da “Fontana di Trevi”, o fato de ser econômico era a coisa fundamental, mas naquele restaurante eu tinha a impressão de que se comia muito bem.

Era já meia-noite e nós nem percebemos, coisa nem um pouco estranha, pois estávamos todos juntos que ríamos, comíamos e eu que fazia o papel do tradutor simultâneo de plantão e já me estava acostumando.

Inventamos até algumas traduções improváveis para explicar a elas a nossa cozinha típica, por exemplo: flores de abóbora se tornavam “abóboras flowers” e as azeitonas de Ascoli “Ascoli’s olive”.

Nos beijávamos continuamente eu e a Gail, não conseguíamos estar separados nem mesmo por um minuto, e não nos importava se as pessoas nos viam, pelo contrário, isso contribuía somente a dar mais cor à nossa estória

E assim, entre um beijo e outro chegamos ao portão de entrada do edifício, o Emiliano e a Corinna subiram enquanto nós continuamos a caminhar, fazendo um passeio imersos em uma Roma silenciosa, deserta e refrescada por uma leve brisa.

Ela me falou dos seus sonhos, dizia que com trinta e três anos é possível ainda havê-los, teria frequentado um curso acadêmico quando voltasse aos Estados Unidos, para poder tornar-se uma boa professora de uma escola elementar.

E eu lhe falei das minhas experiências, de como a vida fosse um pouco mais dura comigo, de como fosse difícil voltar a seguir os meus sonhos, e confessei, dizendo que não conseguia havê-los .

Eu gostava de conversar com ela, ela sabia escutar e nunca me interrompia enquanto eu falava, nem mesmo quando eu parava por alguns instantes para pensar na palavra certa, ou quando eu não conseguia nem mesmo encontrar em italiano a palavra certa.

Me dei conta de como a Gail fosse diferente das garotas com as quais eu saí recentemente, com uma delas poucos dias atrás eu estive quase nos mesmos lugares, e caminhado pelas mesmas estradas nas quais naqueles dois dias mostrei Roma a esta simpática loirinha vinda dos Estados Unidos.

Só que, com a Marianna, a outra garota, eu não vivi as mesmas emoções, tanto que voltamos para casa quase imediatamente, e à noite quando eu me vi sozinho em casa, pensei que talvez fosse eu a pessoa errada, que eu não fosse mais capaz de sentir certas emoções.

Saibam que, essas emoções parecem um som e uma música que podem criar uma orquestra, existem vários tipos, muitas delas com pouco significado, mas algumas vezes, quase por acaso, uma certa orquestra volta a tocar, e o resultado é algo de extraordinário.

Fazer parte dessa coisa, te faz sentir vivo, saber que é você quem dirige aquele tipo de orquestra é uma das maiores satisfações que se possa haver na vida; porque, como eu escutei uma vez, o diretor de tudo isso não é a pessoa que tem a baqueta nas mãos e sim aquele que tem a música em mente.

E em meio a esse turbilhão de emoções, eu fingia não lembrar que no dia seguinte elas partiriam de Roma para prosseguir com o tour italiano, provavelmente aquela seria a nossa primeira e última noite juntos, mas ninguém parecia perceber isso.

Quando voltamos para o quarto encontramos o Emiliano e a Corinna que nos esperavam, fomos recebidos com tantos sorrisos e uma alegria geral nos contagiou, apesar da nossa iminente separação

"Ei cara..." o Emiliano tentou chamar a minha atenção

"Diz..."

"Talvez seja o caso de irmos...eu tenho um compromisso..."

"Merda! Você tem que estar lá às 5 da manhã?"

"Tenho que abrir o bar..."

Ele tinha razão, eu estava de férias mas ele não, e tinha que levar adiante um bar; quando contamos às americanas qual era o compromisso elas não resistiram e se ajoelharam no chão de tanto rir.

Para um americano, dedicado ao trabalho, é uma coisa impensável sair para se divertir até às 5 da manhã, e depois lembrar que tinha chegado o momento de ir trabalhar.

Quando a situação parecia ter voltado ao normal, a Corinna me pediu algumas informações sobre a estação de trens e, sobre um trem que deveria pegar no dia seguinte para ir a Salerno.

"Desculpa, mas aonde precisamente vocês tem que ir?" perguntei com um fio de curiosidade.

"Praiano, the Amalfi coast" me respondeu a Gail depois de ter controlado algumas anotações, para ter certeza de que estava pronunciando o nome em maneira correta.

A Costa Amalfitana...é o lugar que até hoje eu havia considerado o mais bonito e encantador do mundo, me lembro de ter passado uma vez por acaso e de ter voltado para ficar um mês.

Desde então eu voltei com frequência. A última vez foi exatamente um mês antes de ir visitar a minha velha conhecida; se chamava Patrizia, eu a conheci durante aquele mês de férias, depois continuamos a nos ver com uma certa regularidade; ela era casada e tinha dois filhos, e estranhamente era sempre "disponível" para uma escapadinha a tarde comigo, de vez em quando.

Com esse tipo de mulher não existem equívocos, os clássicos problemas são somente uma vaga lembrança, até me surpreendi quando ela me suportou economicamente no período em que eu estava desempregado; era normal a chegada de cheques lá em casa, de vez em quando, até o momento em que a minha mãe descobriu e ameaçou me mandar fora de casa se eu continuasse a ser mantido pelas minhas "vagabundas", como ela as chamava.

"Eu teria curtido se você tivesse vindo com a gente ..." quem sabe porque a Gail falou no passado quando me disse essa frase...

"Bem...eu posso tentar ..." respondi um pouco confuso, a Costa me fascinava, não era um lugar como qualquer outro.

"Se você quiser podemos ir juntos, nos encontramos amanhã a tarde e partimos..."

"Temos que saber se tem um quarto disponível no hotel onde vocês ficarão...e se o meu chefe me dará um outro dia de férias, para que eu possa ficar até quinta-feira"

Que o meu chefe me concederia um dia a mais eu não tinha dúvidas, restava ver como organizar as coisas, como arranjar um pouco mais de dinheiro para fazer tudo, eu poderia até tentar um outro empréstimo com o meu avô; sim, era uma possibilidade.

Nos deixamos mais ou menos às cinco da manhã, combinando um telefonema por volta das onze para confirmar a viagem juntos.

O Emiliano não poderia ir com certeza, tinha sempre o famoso bar para tocar em frente...para ele e a Corinna aquela seria a primeira e última noite juntos.

Terça-feira 18 de Agosto

Dizer que naquela manhã eu tinha levantado cedo era um eufemismo, eu havia aberto os olhos às dez mas mesmo assim era muito cedo, visto a hora em que eu voltei para casa.

Liguei logo para o hotel onde as garotas tinham reservas, para saber se tinham quartos livres e para saber quanta grana eu teria que pedir emprestada ao meu avô; nada, eram ao completo, assim como todos os hotéis nos arredores até o fim do mês.

Às onze em ponto eu liguei para o bar que se situava embaixo do prédio de “Campo de Fiori”, tive que avisar a elas que eu não poderia partir, e àquele ponto eu pensei que era uma pena, mas no fundo um adeus assim seria um adeus menos dramático, pois na noite anterior nós nos deixamos sem sabermos que era a última .

A Corinna me sugeriu que eu perguntasse no hotel se não existia a possibilidade de acrescentar uma cama no quarto delas, e na verdade a idéia me entusiasmou e assim liguei para o hotel e tentei.

"Bom dia ...eu liguei há poucos minutos para pedir um quarto...e gostaria de saber, só por curiosidade...se seria possível acrescentar uma cama no quarto da Senhora Williams..."

"Certamente...." me respondeu uma voz com um sotaque napolitano.

"Podem vir ...que encontraremos um modo de acomodá-los..." continuou o senhor do hotel.

"Perfeito ...mas por favor...são quase quatro horas de carro para chegar até aí ...não é que depois eu sou obrigado a dormir no carro?"

O homem do outro da linha ofendeu-se e parecia zangado quando respondeu.

"Mas se eu disse que resolvo a situação quer dizer que vocês não devem se preocupar!"

"Ok ok, mas quanto custaria essa cama a mais no quarto?..."

"Uma cama adicional.....trinta ou quarenta mil liras por dia"

"Ok" eu disse "Então podem começar a preparar..."

Agora eu tinha que ligar para o chefe no escritório.

"Bom dia doutor Minzolini..."

"Diga-me prezado Catellani..."

"Não é nada ...é que me serve um dia a mais de férias ..."

"Eh...é próprio necessário..?"

"Digamos que seria muito útil"

"Porque você sabe que...estamos com poucos funcionários e sendo assim..."

Decidi dizer a verdade pois conhecia o senhor Minzolini e poderia ter uma esperança.

"Na verdade eu encontrei uma americana... aquele tipo com cabelos loiros, alta etc etc...e ela me pediu que eu a acompanhasse até a Costa Amalfitana até quinta-feira..."

"Sério...que sortudo Catellani...bom te dou dois dias, não se preocupe... nos veremos diretamente na segunda-feira!"

"Obrigado doutor, tenha um ótimo dia..."

"Sim sim, ...e se te serve uma ajuda me chame..."

"Com certeza..."

E uma outra coisa eu tinha resolvido, agora faltava somente o dinheiro e o carro, eu não podia

contar com mais um favor do meu tio, tinha mesmo era que fazer pressão ao meu avô, fazer como se faz com um pacote de viagem: carro e dinheiro, tudo incluído.

Entrei em casa pisando em ovos, como se fosse um ladrão, com o rabo entre as pernas me aproximei da mesa onde o meu avô costumava ficar momentos antes do almoço fumando um cigarro atrás do outro.

"Oi vovô como vai?" perguntei entusiasmado

"De quanto você precisa?"

"Como?"

"Eu te perguntei ...de quanto dinheiro você precisa?"

Opa, eu não valia nada como ator, então decidi....exagerar.

"Trezentos mil Liras..."

"No máximo eu posso dar duzentos.." Eu havia imaginado aquela resposta.

"Ótimo duzentos ...e quem sabe no lugar dos cem mil restante você poderia me emprestar também o carro..." naquele momento eu exagerei ainda mais.

"Não, do carro eu preciso para ir ao campo, você sabe disso..." Eu sabia, é verdade mas não custa tentar.

Levou dois intermináveis minutos para pegar a carteira sobre a escrivaninha, tempo no qual se teme sempre que a pessoa que está prestes a fazer o empréstimo possa mudar de idéia.

Até que, finalmente, eu segurava nas mãos duas verdinhas, como aquelas com o rosto de "Caravaggio" impresso.

O meu avô finalmente me falou olhando nos meus olhos e com aquele jeito de quem conhece bem a vida, me disse:

"Eu não vou te perguntar aonde você vai ...poderia até ter vontade de ir com você.."

Que grande avô eu tinha! O agradei e saí

Àquele ponto faltava somente o meio de transporte, joguei a minha última carta com o meu tio, visto que eu estava aprendendo bem a arte da prostituição.

"Oi querido tio, cara que carro! È uma verdadeira bomba!"

"E' uma maravilha não..?"

"Sim sim, realmente incrível

Àquele ponto a expressão dele mudou, me olhou com um olhar diferente, acho que ele estava começando a entender.

"Sabe tio ..."

"Você acabou de chegar com o carro e já quer ele emprestado outra vez?" ele entendeu tudo...

"Digamos que com o teu carro eu faço uma ótima impressão..." eu tentava ganhar tempo para inventar um modo para dizer que não me servia somente por um dia e sim por três dias.

Sendo assim, eu contei uma parte da estória e chegamos a um acordo: eu teria que lavar e lucidar o carro uma vez por semana durante 3 meses, ele me deu as chaves e eu corri para casa.

Quando eu disquei o número do bar não tinha certeza de que ainda iria encontrá-la lá, aí sim seria realmente uma pena.

"Everything is ok" era a frase que explicava tudo, um pouco incrédulas fixaram o encontro para dali a duas horas para partirmos.

Ao longo da estrada que passava por Nápoles e depois se dirige em direção a Salerno eu tive muito tempo para pensar, as garotas dormiam e assim aquela era a única ocasião para estar um pouco em silêncio, eu ainda não sabia bem porque eu estava fazendo tudo isso, mesmo porque não era difícil encontrar uma garota com a qual eu poderia me divertir por algumas horas, principalmente em uma cidade como Roma, e sem ser obrigado a fazer todas aquelas peripécias.

Era para sentir-me vivo ainda uma vez, é por isso que fazemos certas coisas na vida, creio; quando se deixa fugir ocasiões como essa é porque se esta iniciando a desistir de viver a vida.

Quantas pessoas todos os dias dizem “passo” a certas oportunidades? Eu sempre quis ser diferente delas, cada vez que as vejo venho invadido pela tristeza, pelo desconforto, e não sei o que passa pela cabeça delas, talvez pensem que viverão eternamente, que a vida lhes dará sempre outras ocasiões.

Uma vez , uma garota disse que era apaixonada por mim, e acho até que era verdade, lembro que ela me escreveu letras de amor muito tocantes , uma delas eu conservo até hoje; e o que fez depois? Se casou com o primeiro estúpido que encontrou, um cara que tinha como única qualidade a coragem de fazer um financiamento por trinta anos.

Uma outra pessoa, que estava comigo há alguns meses, declarou um dia que se eu não fosse disposto a levá-la para casa para vivermos juntos então eu não servia para nada e se juntou ao primeiro que apareceu, pessoa essa a quem eu não haveria nem mesmo dado o meu carro para que ele o lavasse.

Eu não tenho nada contra quem tem vontade de se casar, mas é hipócrita tentar convencer alguém que o motivo seja os sentimentos e ainda mais estúpido esperar que a pessoa acredite.

As garotas acordaram a altura de “Cava de' Tirreni”, estávamos para sair da autoestrada e pegar a estrada da Costa, eu me sentia um privilegiado por poder dirigir naquela estrada, com a Gail e a Corinna ao meu lado e a bordo de um Lancia Thema.

Após chegarmos ao hotel e depois de ter comido alguns pães embutidos preparados na hora ali mesmo, colocamos algumas cadeiras no terraço e nos sentamos.

É sim, nós tínhamos no nosso quarto um terraço com uma vista parcial para o mar, a noite era maravilhosa; enquanto contávamos um pouco de nós, das nossas vidas, notei que a Corinna não conseguia ser completamente feliz, tentava esconder, mas aquela com o Emiliano ela não havia vivido somente como uma estória de uma noite.

Prometi a mim mesmo que no dia seguinte eu faria um telefonema.

A Gail estava quase dormindo, a nossa cama foi colocada ali em um ângulo, não era grande coisa mas a idéia de dormir aquela noite ao lado da Gail não era nada mal.

Pensei a todas as vezes em que eu vim encontrar a Patrizia, aquela senhora casada, eu era habituado a ficar em hotéis de luxo, mesmo porque era ela quem pagava, mas a noite eu

sempre dormia sozinho, sentia que faltava alguma coisa.

Somente uma vez consegui pegar no sono sorrindo, pois encontrei por acaso na TV uma réplica de verão de "Sapore di Mare", um filme com Jerry Cala e Guido Nicheli, não são atores dignos de um premio Oscar mas a partir daquela noite eu comecei a ter um grande carinho por eles.

Enquanto as garotas se arrumavam antes de deitar, eu decidi ficar ainda mais um pouco no terraço para respirar a brisa daquela noite e olhar o mar.

Eu sempre pensei que se eu não sofresse de enjoos eu teria sido um pescador ao invés de piloto, não sei explicar porque o mar me dá uma enorme sensação de paz, como eu consigo me tranquilizar escutando o barulho das ondas.

Fumei o último cigarro e me deitei ao lado da Gail.

Quarta-feira 19 de Agosto

Me levantei de bom humor aquela manhã, enquanto as garotas ainda dormiam, eu retornei ao meu lugar no terraço, em uma daquelas cadeiras que permaneceu lá durante a noite passada.

Eu sabia que teria que ligar para o Emiliano assim que possível e para isso tinha que comprar algumas fichas telefônicas; pediria ao recepcionista quando saíssemos para o café da manhã, mas isso não bastava para calmar a sensação de inquietude que eu sentia.

Eu acordei várias vezes durante a noite, mesmo não tendo sentido nenhum mosquito ou calor insuportável típico desse lugar, era alguma outra coisa que girava na minha mente, provavelmente eu começava a ter consciência de que aquela aventura estava prestes a acabar.

Geralmente naquele caso, acontecia sempre alguma coisa que arruinava tudo, algo que fazia com que eu me cansasse daquela situação e que me fazia ter uma certa vontade de voltar para casa.

Mas dessa vez, não era assim.

Naquele momento a Gail me tirou dos meus devaneios, e ainda adormentada passou pelo terraço para me dar-me um beijo antes ir ao banheiro; não sei porque mas ela conseguia me surpreender até mesmo com gestos assim simples.

Quando vi que a Corinna estava acordando, eu disse a Gail que desceria até o hall para informar-me sobre o café da manhã, mas na verdade eu iria procurar um meio para fazer

aquela ligação telefônica

"Bar Brasil...Bom dia..." me respondeu uma voz que eu sabia que era a do Emiliano.

"Aqui é a policial!, o bar está circundado, saia com as mãos para cima e lembre-se de trazer duas xícaras de café.."

"Desculpe-me senhor policial ..." me disse ele "Como posso sair com as mãos para cima e ainda levar dois cafés?..."

Começamos a rir!

"E aí, como foi a viagem?" perguntou o Emiliano.

"Melhor do que eu esperava, agora estamos esperando para tomar o café da manhã.."

"Ah! Agora eu entendi porque você pediu duas xícaras de café!"

"Ahahah..."

Se seguiram alguns segundos de silêncio, silêncio cheio de conteúdo, onde se sabe que tem algo mais sério que você gostaria de perguntar à outra pessoa do outro lado da linha, e onde a outra pessoa permanece imóvel esperando que você faça essa pergunta!

"Sabe Emiliano, eu estava pensando uma coisa...que no fundo ...sendo você mesmo o proprietário do bar, algumas coisas deveriam ser mais fáceis..."

"Algumas coisas? Tipo?"

"Tipo pedir uns dias de férias, você não tem que ligar para nenhum chefe e prostituir-se para ter um dia a mais de férias! Para você é suficiente acordar sem vontade de fazer porra nenhuma para dizer: "Estou de férias"!"

Outros segundos de silêncio e a pergunta foi feita diretamente.

"Mas será que a Corinna sente a minha falta?"

"Ela não me disse nada mas digamos que...eu intuí". Tentei manter ainda um fio de diplomacia.

"E então...?"

"Então ..nada, eu queria que você soubesse e basta"

Senti através do aparelho que alguém; um representante ou um cliente tinha acabado de sair do bar e o Emiliano se concentrou no que queria me dizer.

"Digamos que posso pedir ao meu sócio que abra o bar amanhã de manhã, assim essa noite eu fecho e dou um pulo aí onde vocês estão..."

Era a resposta que eu esperava.

"Mas certo amigo!, pensa que tem lugar para você sem mesmo ter que reservar um outro quarto, vem que te fazemos entrar pelos fundos assim ninguém te vê..."

"Ahahahaha..." deu uma gargalhada quando escutou a minha proposta.

"Ok, ok..." disse "Vejo o que eu posso fazer ...me liga às três que combinamos tudo"

"Ok, eu ligo para o bar às três".

Ele quis deixar uma ponta de dúvida, mas eu sabia que viria, era o seu modo de ser.

Quando voltei ao quarto me senti um pouco mais aliviado, aquela aventura nós começamos em quatro, e é justo que termine assim; em quatro.

As americanas me perguntaram sobre o café da manhã, eu inventei alguma coisa , imaginando que viesse servido no grande terraço do hotel onde eu vi várias mesas prontas.

Enquanto eu tomava o café escutei o que diziam a Gail e a Corinna, falavam sobre um trem que pegariam para chegar a Nápoles, e de conexões aéreas para Paris, conexões essas que provavelmente levariam cada uma à própria destinação nos Estados Unidos.

Me ofereci para dar uma mão quando escutei o que estavam dizendo, confirmei o que havia escutado e me coloquei à disposição; mesmo porque na manhã seguinte eu tinha que passar por Nápoles, uma desviação em direção a Capodichino não seria um problema.

Combinamos que no dia seguinte seria assim: arrumaríamos tudo e eu as acompanharia até a cidade napolitana ao longo da estrada que leva à Roma, elas se apresentariam no check-in por

volta do meio-dia, e eu prosseguiria em direção ao norte.

Quando a Gail terminou de comer o iogurte, voltamos ao quarto rapidamente para nos arrumar e nos vestir, pois através do terraço tínhamos visto uma prainha perto de nós, e parecia não existir melhor modo de passar uma manhã.

São raros os lugares onde se pode pegar um solzinho na Costa, ou raramente tomar um banho no mar, não são como as clássicas praias as quais estamos acostumados.

Geralmente se trata de espaços estreitos, irregulares, onde no máximo se pode colocar dez ou doze cadeiras e alguns guarda-sóis; tudo muito sugestivo, com uma parede vertical que termina no mar logo abaixo e aquela sensação de discrição e privacidade que só a Costa sabe dar, como se aquela parte por menor que fosse, fosse naquele momento, a tua e fosse somente tua.

Nos acomodamos em uma espécie de concavo, em uma rocha, entravam as nossas três cadeiras e outras dez, no máximo, o garoto que nos acompanhou tinha uns doze anos e não foi a primeira vez que eu o vi, sinal que ao sul de Roma a vida "real" começa bem cedo.

Para poder entrar na água tinham colocado uma escadinha ao longo do dorso da rocha, depois de uma pequena série de degraus éramos já completamente imersos; é muito raro encontrar na Costa Amalfitana partes de águas que não sejam imediatamente profundas, demos um mergulho e começamos a brincar juntos como fazem geralmente os jovens, com direito a gritos e brincadeiras de todos os tipos.

Quando voltamos às nossas cadeiras descobri que a Gail era também uma ótima cantora, aliás, excelente! Na minha opinião, a melhor.

Ela tirou da bolsa um walk-man, o antenado do I-pod, com fones também, só que aqueles eram rígidos e se apoiavam sobre a cabeça, para poder escutar em dois era necessário desmontá-lo

E assim eu fiz. Na fita cassete que encontrei dentro do walk-man estava escrito: "Summer 1987", provavelmente era uma seleção de músicas feita por ela durante aquele ano.

Escutamos Barry White, Elton John, Gloria Estefan e outro que agora não me lembro, depois de "Blue Eyes" começou a tocar uma música de Albert Morris, uma música muito bonita chamada "Feelings".

Foi aí que ela cantou, imagino que cantasse para nós; por mais que a sua voz fosse suave e delicada prevalecia sobre a voz do Morris sem nenhum problema, tirei o fone dos ouvidos e a escutei na versão da Gail.

Ainda hoje quando escuto essa música, não consigo deixar de sorrir; mesmo se não dirijo mais um Lancia Thema e não tenho mais a Gail do meu lado, e sim uma outra pessoa, que provavelmente se perguntou o porquê daquele meio sorriso nos meus lábios.

Hoje eu sorrio, mas naquele dia eu fui logo invadido por uma certa melancolia, e me apoiei ao parapeito que dava para o mar pouco depois que a música terminou.

Passaram-se alguns minutos até que a Gail se aproximasse, provavelmente havia intuído, havia entendido tudo, nem mesmo vinte e quatro horas e tudo teria terminado.

Voltaremos às nossas vidas, distantes milhões de quilômetros; as pessoas não percebem, mas no fundo no fundo, a sensação que se tem é a mesma sensação que temos quando alguém está prestes a morrer.

Existem algumas coisas que não se pode fazer, não é como ter um relacionamento com alguém que mora na tua cidade, existe sempre a possibilidade de tomar um café juntos, encontrar-se na rua ou num bar.

Você pode perguntar como está a pessoa, olhar nos olhos dela sem que isso represente algo de excepcional, coisa que não acontece quando a encontrar-se são duas pessoas que vivem com nove horas de fuso horário de diferença.

Teria sido mais fácil se ela me tivesse mostrado algo dela que eu não gostasse, um defeito qualquer que a transformasse em uma pessoa igual as outras, mas ao contrário; quanto mais eu estava perto dela, mais ela me envolvia em coisas que não se veem com frequência, quanto mais estava ao seu lado, mais ela conseguia me emocionar, e por isso, eu tenho que agradecê-la para sempre.

Um beijo, começando solo tocando os lábios ligeiramente e aos poucos mais intenso contribuiu somente a aumentar a melancolia, me sentia uma pessoa com muita sorte, mas ao mesmo tempo parecia que a vida me estivesse pregando uma peça .

Te faz provar uma coisa somente pelo tempo necessário para que você possa apreciar e depois

a leva embora . Que pena!

Não conseguia resistir, se eu não tivesse prometido acompanhá-la até Nápoles no dia seguinte, eu teria fugido, teria pego as minhas coisas, acendido o carro e teria ido embora, sem ter que dizer adeus olhando nos olhos dela.

Inventei que estava com fome, visto que era já a hora do almoço, e assim me dirigi à estrada principal para comprar uns sanduíches, subi a escadinha que nos levava em direção a estrada sem olhar para trás, sem olhar para ela.

Assim que voltei para o hotel me dirigi logo ao telefone para ligar para o Emiliano, o telefone estava ocupado, um casal de japoneses parecia colado àquele telefone, e depois de vinte minutos largaram a presa.

"Bar Brasil...bom dia..."

"Eiii...sou eu Emilià..."

"Às sete fecho o bar, entro no carro e chego aí, o meu lugar está garantido? ..."

"Fica tranquilo...como nos organizamos?"

"Faremos uma surpresa a Corinna, escuta, leva as garotas para jantar que eu chego aí mais tarde"

Naquele momento passa o recepcionista do hotel.

"Uma informação..um bom restaurante para jantar nas proximidades ?"

"Vocês podem ir ao “*Gino al mare*”, é aqui perto, ao longo da estrada..." fez amplos gestos para me indicar a direção

"Ok obrigado..." e o recepcionista voltou a fazer o que estava fazendo.

"Escutou Emilià? “*Gino al mare*” é o nome do restaurante, a que horas você chega aqui?"

"Se eu parto às sete penso que às dez e meia eu chego, quanto tempo você levou para chegar ontem?"

"Quatro horas, mas eu parti do centro de Roma, você vem por Ciampino, com certeza você faz menos estrada, tranquilo"

"Ok combinado, não diga nada, até mais"

"Até mais".

Quando desliguei o telefone, parei próximo a entrada para fumar um cigarro.

Notei que carros iam e viam, turistas tentando escrever cartões postais para enviar no mesmo dia para os amigos espalhados pelo mundo, e eu, ali sozinho com os meus botões a me perguntar o que seria justo pensar, como eu deveria me sentir em uma situação como aquela.

Eu deveria pular de alegria por ter me deparado com uma aventura como aquela, mas não conseguia, alguma coisa me impedia.

Uma dúvida eu tinha a respeito, uma pergunta que vagava na minha mente há muito tempo.

Não era talvez o excesso de segurança que fazia com que me sentisse assim?

Aquela certeza de poder controlar sempre tudo, de poder administrar os acontecimento em função das minhas necessidades e tempo, que no final das contas me levou a viver alguma coisa sem filtros, sem medo, sem o freio de mão tirado.

Exatamente no momento em que eu me sentia um Marcello Mastroianni; paguei o preço, eu fui presuntuoso, nenhum idiota correria o risco de se apaixonar por uma turista se não tivesse a convicção de ser imune.

Mas eu me apaixonei, e como! é que, quando me dei conta, já era tarde.

Enquanto eu estava ali pensando e olhando ao meu redor, percebi que as garotas estavam subindo as escadas que levavam à estrada.

Assim que se aproximaram me perguntaram se o sanduíche era bom e se despediram reclamando do calor, e eu decidi segui-las até o quarto para descansar um pouco.

"Hoje a noite temos que sair para comer algo melhor que um sanduíche ..." me disse a Corinna

assim que nos acomodamos no terraço.

"Sim sim, eu já perguntei ao recepcionista o nome de um bom restaurante, e ele disse que tem um muito bom aqui perto; e tenho certeza que ele tem razão.." respondi.

"Sabe Massimo, amanhã é o aniversário da Gail, passaremos o dia inteiro dentro de um avião ...por isso eu pensei que seria legal comer fora hoje a noite" me dizia como se estivesse se desculpando por obrigar-me a gastar vinte ou trinta mil Liras a mais, mas ela não tinha a mínima idéia do que eu tinha preparado, e eu fiz questão que ela não desconfiasse.

"Bom, nós podemos chegar la por volta das nove e meia, assim podemos comer com calma, sem pressa, o que vocês acham?" Eu tentei calcular mais ou menos o tempo que o Emiliano teria levado para chegar até nós.

"Certo" respondeu a Gail "Antes das nove fará ainda muito calor..."

Eram aterrorizadas pelo calor, na Itália quase em nenhum lugar tem ar condicionado, coisa que nos Estados Unidos é mais popular que o McDonald; os americanos adoram os cinquenta graus das lojas em pleno Dezembro e os menos dez que fazem dentro do carro deles em Julho.

Eles têm muita dificuldade em aceitar aquilo que manda os céus, e em muitas outras eu notei que eles sentem a necessidade de decidir o que será, mesmo que a decisão seja a respeito de algo não tão importante quanto a temperatura que têm que suportar.

Eram quase seis da tarde, o sol já estava fraco, na Costa Amalfitana geralmente o sol se vá antes do fim da tarde, se esconde atrás das montanhas para voltar somente no dia seguinte.

Não consegui dormir naquela tarde e me sentei no terraço para olhar para o mar, la embaixo eu vi um pequeno barco com um pescador que tentava jogar uma rede; me perguntei como poderia ser viver no mar, sempre em contato somente com o mar, tendo como único companheiro o sol, que com o tempo muda o teu rosto até fazer com que se torne uma prova indiscutível do trabalho que você fez.

Uma mão tocou ligeiramente as minhas costas, me girei e vi a Gail que me olhava e sorria, sem dizer nada; nos aproximamos um do outro para nos abraçar, sem pressa, delicadamente.

Permanecemos assim durante muito tempo, não sei dizer quanto, até que um grande navio

vindo do porto de Salerno atravessou o horizonte em frente a nós

"Você sabe Massimo que uma vez eu trabalhei em um navios como esse?"

"Sério, e o você fazia?"

"Eu era uma simples garçonete, eu estava sem dinheiro até que um dia apareceu essa oportunidade, eu tive três horas para decidir, a pessoa que deveria trabalhar não se apresentou e eu peguei o seu lugar, pois precisavam de alguém desesperadamente ...".

"E trabalhei durante seis meses ..." concluiu.

Começamos a trocar olhares e beijos, a Corinna estava roncando; não teria nos incomodado.

Vestíamos camiseta e short, os nossos corpos se tocavam e se tocavam novamente, a cada beijo tudo se tornava ainda mais intenso, no momento em que eu beijei os seus seios ela deu um gemido de prazer, quando me concentrei no mamilo ela se inclinou, apoiando as mãos na janela, ninguém poderia nos ver, não existia ninguém naquele momento, somente nós dois, que naquele terraço inclinado parecíamos suspensos entre o céu e o mar.

Cada vez que eu abria os olhos via somente o celeste e o azul ao redor dela, tudo isso contribuía para aumentar o êxtase do momento.

Abaixando-me um pouco, com os lábios até a altura da sua cintura senti o quanto fosse excitada, o quanto ela me queria dentro dela; voltei a olhar nos seus olhos, era um olhar de quem pede consenso.

Acontecia tudo assim de maneira natural, não existia forçar a barra, nenhum de nós teria forçado o outro a fazer algo que não queria.

Gostaria que aquele momento não tivesse fim, permanecemos abraçados depois que fizemos amor, os nossos olhos que se encontravam explicavam tudo, não eram necessário palavras.

Durante muito tempo eu lembrei daquele momento, cada vez que no futuro eu fiz amor por tédio, por solidão, ou porque sentia a necessidade de demonstrar alguma coisa.

O dia estava chegando ao fim, tomamos banho um após o outro e falamos sobre coisas banais, entre um roupão ainda nas costas e qualquer gota de shampoo forte nos olhos.

Foi isso que me disse a Gail, quando me aproximei dela quando ela estava deitada na cama onde dormimos na noite anterior.

O shampoo era realmente concentrado, e é por isso que os olhos dela eram vermelhos, ela pediu um pouco do meu e eu lhe dei sem dizer nada.

O restaurante que o recepcionista nos indicou o encontramos sem nenhuma dificuldade, logo após descer uma estreita e íngreme avenida, éramos já na entrada, um garçom muito simpático nos fez entrar e perguntou onde preferíamos nos acomodar.

As mesas eram dispostas na praia sem nenhuma ordem, à beira do mar, uma vez sentados podíamos admirar os dois vales que despontavam dos lados do restaurante, éramos quase encaixados embaixo de duas pequenas montanhas.

Nos divertíamos muito escolhendo os pratos apresentados em napolitano no menu, muitos pratos nós não sabíamos nem mesmo se eram de carne ou de peixe.

A iluminação era completamente à luz de velas, posicionada uma para cada mesa e não tinha nenhuma outra fonte de iluminação aquela noite na praia.

Entre uma lula e uma trilha me virei ligeiramente à direita e percebi que alguém atrás de uma pilastra do restaurante tentava atirar a minha atenção.

Mesmo no escuro, o nariz do Emiliano não passava despercebido, o meu amigo tinha chegado, com alguns minutos de antecedência, mas isso não tinha importância.

"Ei! mas quanto você come?", me saudou assim, o meu companheiro de aventuras, assim que eu me aproximei, depois de ter dado às garotas a clássica desculpa de ir ao banheiro.

"Ahahaha..." respondi com um grande sorriso.

"Massi, mas por acaso devem levar mais alguma coisa à mesa?"

"Sim, nós pedimos um prato de peixes fritos para acompanhar, olha, olha o garçom que nos serve é aquele..." disse indicando o rapaz que era apoiado à caixa, que parecia estar

preparando uma conta para levar à alguma mesa.

Voltei à minha mesa depois de alguns minutos, tentando não rir e tentando fazer com que as americanas não desconfiassem da chegada do Emiliano .

Me perguntava como se sentiria a Corinna no momento em que o visse, como eu já disse, ela não tinha sequer tocado no nome dele durante aqueles dois dias, mas a sua expressão dizia outra coisa.

Eu imaginava como ele se seria apresentado e...

"E' para vocês os peixes fritos?"

Escutando aquelas palavras a Corinna quase deu um pulo, mesmo não conseguindo acreditar.

Emiliano pediu emprestado o uniforme do garçom e se apresentou em nossa mesa com a bandeja nas mãos, temperada com um sorriso composto por trinta e dois dentes.

A Corinna pulou nos braços dele sem dizer nem mesmo uma palavra, permanecendo assim por uns dois minutos, abraçando-o em silêncio.

Ao vê-lo, com o seu rosto apoiado nos ombros da Corinna, percebi o quanto ele também fosse feliz, a surpresa não foi pensada somente para fazer cena...

Assim que nos acomodamos recomeçamos a comer o que restou, pois metade da fritura caiu no chão depois do abraço da Corinna.

"Mas você veio voando Emilià..."

"Às seis eu já tinha fechado tudo, às nove eu já tinha entrado na estrada da Costa por Vietri..." me disse sorrindo.

"E consegui até encontrar alguém que me substitua amanhã, não tenho que voltar antes das quatro da tarde...." prosseguiu.

As americanas ficaram caladas, penso que nem elas sabiam o que pensar.

"O que vocês acham de irmos até Amalfi para tomar uma cerveja?" foi a proposta do Emiliano seguida da minha rápida tradução.

Parecíamos todos entusiasmados com a idéia, sendo assim, resolvemos pagar logo a conta e entramos a bordo da Y10.

Repentinamente eu senti uma melancolia invadir meu peito, que dias maravilhosos nós passamos juntos, quantas emoções! Eu não conseguia me concentrar no que estávamos fazendo, as manobras difíceis para estacionar, as perguntas do barman a respeito da cerveja que preferíamos e etc etc, a minha mente estava já indo para o dia seguinte, quando teremos que parar no aeroporto de Capodichino.

Chegando no centro da cidade, me lembrei que a meia-noite, ou seja, daqui a poucos minutos, seria vinte de Agosto, o aniversário da Gail.

Pedi ao Emiliano que perguntasse na loja em frente se conheciam algum florista, entre nós falávamos em italiano, assim podíamos falar livremente.

O vi desaparecer dentro da loja, quando apareceu, ria como um louco, eu era realmente curioso de saber o porquê.

"Não existem floristas aqui em Amalfi, pelo menos foi isso que me disse o negociante ..."

"Merda..." pensei, agora eu tenho que pensar em um outro modo de fazer uma surpresa para a Gail.

"Sabe qual foi o conselho que me deu aquele senhor que está sentado lendo o jornal?"

"Não, me diz..."

"Disse que eu poderia pegar uma daquelas plantas que decoram a porta de algumas lojas ..."

"Ahahahah..." in certas regiões aqui na Itália existe sempre uma resposta a tudo, a criatividade supera os meios à disposição, em todos os sentidos; provavelmente é por isso que eu sempre lembro com simpatia de quem vive ao sul de Roma.

Concluí que seria impossível comprar flores, e que não éramos capazes de roubar plantas no centro de Amalfi como se fosse uma coisa normal.

Mas tinha notado uma lojinha que vendia licores de limão, era especializada em "limoncello",

vendiam garrafas de todas os tamanhos , e de todos os preços.

Me destaquei do grupo por alguns instantes e entrei la, comprei uma garrafa que custou dez mil Liras, com um bilhete onde escrevi frases comuns desejando um feliz aniversário, mas em italiano; assim todas as vezes que a Gail pegasse aquele bilhete nas mãos teria pensado em nós, às nossas férias juntos.

E pensar que ela fazia enormes progressos até mesmo com a nossa língua, aprendeu logo a pronunciar a palavra "bellissimo", que repetia em continuação a todos, e usava no mesmo modo em que se utiliza um "Ok bene", imagino que ela pensasse que o significado fosse o mesmo.

Era quase meia-noite quando eu saí da pequena loja no centro e me aproximei dos meus amigos, fazendo atenção para não mostrar o que tinha dentro da bolsa.

Esperei alguns minutos e lhe dei o pacote, ao ver aquele pacote, ela não entendeu imediatamente o porquê daquele gesto, eu tive que lembrar-lhe e desejei-lhe um feliz aniversário

Pela expressão do seu rosto, ficou claro que para ela foi uma surpresa, e para ser sincero, eu também era surpreso, afinal sendo a aniversariante não era um gesto tão estranho assim.

Evidentemente nos Estados Unidos não é uma coisa tão comum.

Além da sua expressão, ela mudou também o seu comportamento, senti uma certa gratidão no modo em que me beijava enquanto andávamos em direção ao cais, e no modo em que segurava as minhas mãos e me olhava.

Era um agradecimento por eu não ter esquecido de ser gentil mesmo quando tudo estava chegando ao fim, mesmo quando não podíamos esperar mais nada daquela estória, eu continuava a comportar-me como se nada demais estivesse acontecendo, não fazia nada além do que se pode esperar de uma pessoa como eu.

Pelo menos era isso que eu pensava.

Quando voltamos ao hotel, tudo parecia muito surreal, fizemos muita atenção quando o Emiliano entrou pelos fundos; existiam palavras não ditas ou que não podiam ser

pronunciadas, suspensas no ar naquela noite.

Tentamos descontrair o ambiente no terraço, onde cada um se sentou no seu próprio lugar, tínhamos uma garrafa especial para aquela ocasião, uma garrafa que foi trazida do bar pelo meu amigo...

Que noite maravilhosa, o celeste e o azul da tarde recém passada deram passagem à intensidade da noite, com nós quatro que parecíamos sempre suspensos entre o horizonte e o mar.

"Certo que ...se alguém tivesse me contado domingo de manhã onde eu teria estado hoje..." eu fazia essa reflexão a baixa voz, mas não tão baixa ao ponto de passar despercebida ao Emiliano.

"Isso nós temos que contar um dia..." me respondeu.

"Quem sabe um dia não escrevemos um livro ..." depois dessa frase, começamos a rir como duas crianças.

Continuamos ainda a beber um bom vinho e a rir de nós

Quando a Corinna pegou a mão do Emiliano para mostrar-lhe o quarto que teria sido o deles, eu permaneci sozinho com a Gail; sobre nós, o céu parecia um tapete de estrelas, e de vez em quando caía uma, emanavam tanta luz que pareciam até meteoritos .

A Costa Amalfitana naquele período do ano é extraordinária também por isso, as grandes montanhas próximas a ela impedem que as luzes artificiais das cidades vizinhas chegue até lá, e é por isso que o panorama das estrelas é de tirar o fôlego.

Com aquele visual, não podíamos deixar de nos abraçar e iniciar a nos beijar, pois tínhamos certeza de que ninguém poderia nos incomodar.

Mas dessa vez, fazer amor foi impossível, a melancolia que sentíamos e que até aquele momento estava escondida se mostrou repentinamente e começamos a chorar, abraçados, como duas crianças.

Com os nossos rostos molhados pelas lágrimas, nos acariciamos , e depois nos olhamos sem necessidade de dizer nada, de vez em quando um sorriso dado também fazia parte daquele

momento.

È inútil tentar explicar certas coisas, não penso que exista uma arte literária capaz de fazê-lo, talvez seja justo assim.

Nos relacionamentos humanos se criam certas situações , cumplicidade, que pelo fato de serem "privados" ou exclusivos, têm essa espécie de copyright especial, não permitem às palavras de explicá-los nem descrevê-los.

Mesmo quando se pensa que alguém já disse tudo, na verdade existe sempre alguma outra coisa a dizer; em 2010 milhões de pessoas estão dispostas a colocar as suas vidas privadas à disposição de todos, nos social network, nos jornais ou simplesmente no meio da praça de uma das muitas cidades perdidas ou anônimas pelo mundo afora.

Se pode ter a impressão de conhecer tudo, cada detalhe da vida dos outros, mas permanece sempre um lado não revelado, privado, que somente com um conhecimento menos superficial se pode entrever.

Quinta-feira 20 de Agosto

Teria sido ótimo dizer que eu acordei naquela manhã, qualquer hora de sono restaurador me faria muito bem, mas não foi isso que aconteceu.

Culpa de uma cama muito pequena para duas pessoas! Passei o que restou daquela noite, abraçado a Gail, eu a acariciava de vez em quando, enquanto ela fingia dormir.

Foi preciso escutar o som do despertador, programado para às oito da manhã, para quebrar o gelo, para fazer com que voltasse um pouco de normalidade; para nos permitir de concentrarmos em coisas mais compreensíveis e práticas, como arrumar as roupas nas malas, tomar banho e informar-se quanto ao café da manhã

Do meio -quarto, obtido daquilo que deveria ter sido um quartinho da grande mansão que era, antes de ser dividida em quartos de hotel, onde, a propósito foi colocada a minha cama, me encaminhei ao verdadeiro quarto, com cama de casal onde dormiram o Emiliano e a Corinna; o atravessei para chegar até o hall e pedi ao garçom que nos preparasse alguns croissant quentes.

Quando passei ao lado da cama grande com os lençóis todos em desordem, os vi ainda dormindo em um sono profundo, ainda abraçados.

Me debrucei sobre a janela do terraço e fumei um cigarro, avisei ao rapaz que da li a poucos minutos iríamos subir e indiquei a mesa na qual faríamos um substancioso café da manhã

Para ser sincero, eu não estava com tanta fome, mas estranhamente quando eu trabalhei como

repcionista durante um certo período em um hotel, eu tinha a impressão de que o cliente antes de ir embora nunca saía com o estomago vazio, muito pelo contrário, comia como não era habituado a fazer nem mesmo em casa.

Fiz algumas ligações, uma dessas para casa, para comunicar que voltaria ainda no mesmo dia e logo depois voltei para o quarto, tentando sorrir, se tratava de esforçar-me um pouco mais e depois eu poderia me deixar levar.

Uma outra profissão que eu nunca tentei, na qual eu teria tido muito sucesso, é a de ator profissional.

Organizamos as nossas coisas no carro antes de voltar para o terraço, o café da manhã durou pouco, bebemos um café e nada mais, o Emiliano e a Corinna dirigiram-se à estrada um pouco antes de nós

"Mai uma vez...feliz aniversário Gail.."

"Obrigada...*Bellissimo*..."

"O que você vai fazer quando voltar para os Estados Unidos?"

"Espero encontrar um trabalho, a empresa pela qual eu trabalhava faliu poucas semanas antes que eu partisse para a Europa, sendo assim...no momento eu estou desempregada" notei com prazer que certas coisas não aconteciam somente no nosso país.

"Além disso, eu gostaria de dedicar-me a uma antiga paixão, a minha mãe me diz sempre que errei quando larguei tudo dez anos atrás " continuei a escutá-la

"Eu cantava há alguns anos, nunca cantei em grandes palcos mas se tivesse continuado, quem sabe?..." eu garanto que não era difícil acreditar no que ela disse.

"O que aconteceu? Por que você parou de cantar?" perguntei espontaneamente.

"Acontece que quando todos começam a dizer que as coisas sérias e importantes na vida são outras, você acaba acreditando ..."

Suspirou e continuou depois de alguns instantes.

"Até que você percebe que as coisas realmente importantes para você, aqueles que te faziam feliz ...bom, eu as toquei superficialmente e basta".

A viagem em direção a Nápoles foi um longo e emocionante adeus.

27de Julho de 2010 (noite)

"E acabou assim?" perguntei repentinamente ao Massimo, tentando tirá-lo da intensidade dos seus pensamentos.

"A nossa estória sim, a Corinna e o Emiliano ainda vivem juntos..."

"O que?"

"É sim, depois de uma mês que ela voltou para os Estados Unidos , não resistiu, largou tudo e pegou um avião para Fiumicino, dessa vez só de ida...mas eu agi de maneira diferente..."

"Como assim?"

"Percebi que tudo aquilo era maior que eu, eu sempre pensei que as dificuldades que haveríamos encontrado eu e a Gail para viver juntos, mesmo por pouco tempo, teriam posto fim a tudo"

"Você tem certeza disso?"

"Isso eu nunca vou saber, mas essa experiência eu quis lembrá-la assim, do mesmo modo em que eu acabei de te contar".

A pilha de cadeiras próxima a nossa mesa nos lembrou que o bar estava fechando, Giovanni, o proprietário do bar "Monachini" abriu os braços pedindo desculpas, mesmo se para ele tinha chegada a hora do merecido jantar.

Saudei o Massimo, acendi um cigarro e voltei para casa caminhando lentamente, pensando na estória que me foi contada; há muito tempo que eu não escutava uma assim, uma estória que falasse realmente de sentimentos, de como eles podem mudar as nossas vidas e como cada escolha se torne terrivelmente difícil quando eles entram em cena.

Dei uma rápida olhada no relógio e me dei conta de que eram já oito da noite, apertei o passo.

Chegando na porta de casa , tentei procurar as chaves justas para abri-la, me lembrei que aquela noite esperávamos para o jantar algumas tias e primos, lembrei porque escutei as risadas vindas do interior da casa; eu imaginava que a minha mãe me teria criticado por ter feito esperar os convidados.

Ela é assim, gosta de seguir a etiqueta, e eu, ao contrário, não faço questão de segui-la.

"Senhor Claudio boa noite!" com ironia me saudou uma das minhas tias no momento em que eu entrei.

"Oi tia Bruna quanto tempo...obrigado pelo “senhor”...".

"Estamos te esperando há quase duas horas..."

"Eu estava no bar..."

"E eu tenho que acreditar?" me perguntou com um ar alusivo.

"É verdade" interrompeu minha mãe e prosseguiu: "Diz que vai ao bar beber um café e depois passa a tarde inteira lá ..."

"Isso é o que ele te conta ..." responde a tia Bruna.

Enquanto eu me dirijo ao jardim respondo às duas: "E' a verdade, uma pessoa vai ao bar para beber um café e daí encontra alguém, conversa um pouco e o tempo voa, assim...por acaso".

Sim , por acaso; no mesmo modo em que se sai à noite para comer uma picanha e ao invés disso...

